

COMPETITIVIDADE DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO, 1997-2003¹

José R. Vicente²

RESUMO: O objetivo deste estudo foi o de construir e analisar indicadores de competitividade recente dos agronegócios paulista e brasileiro. Foram utilizados como indicadores índices de contribuição ao saldo comercial corrigidos pelo PIB, índices de vantagens comparativas reveladas nas exportações e taxas de cobertura. Os resultados mostraram que os agronegócios brasileiro, do Estado de São Paulo e das demais Unidades da Federação (UFs) revelaram vantagens comparativas com índices crescentes, indicando aumento de competitividade. São Paulo era mais competitivo nos produtos manufaturados, e as demais UFs nos produtos básicos. Índices crescentemente desfavoráveis foram observados para bens de capital e insumos comercializados com os demais setores.

Palavras-chave: agronegócio, competitividade, exportações.

COMPETITIVENESS IN THE BRAZILIAN AGRIBUSINESS, 1997-2003

ABSTRACT: The objective of this study was to build and to analyze indicators of recent competitiveness in agribusiness in Sao Paulo and Brazil. They were used as balance trade contribution indexes indicators corrected by GDP, revealed comparative advantages indices in the exports and covering taxes. The results showed that the Brazilian agribusiness, of the state of São Paulo and of other states revealed growing indexes of comparative advantages, indicating an increase in competitiveness. São Paulo was more competitive in manufactured products, and the other states in basic products. Indexes increasingly unfavorable were observed for capital goods and inputs marketed with the other sectors.

Key-words: agribusiness, competitiveness, exportation.

JEL Classification: F14, Q17.

¹Cadastrado no SIGA NRP1520 e registrado no CCTC ASP-17/2004. Recebeu financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Uma versão preliminar foi apresentada no 42º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, Cuiabá (MT) de 25 a 28 de julho de 2004. O autor agradece a colaboração de Cláudio R. F. Vasconcelos, da Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

²Engenheiro Agrônomo, Doutor, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: jrvicente@iea.sp.gov.br).

1 - INTRODUÇÃO

No período 1997 a 2003 o saldo da balança comercial brasileira evoluiu de um déficit de US\$6,8 bilhões³, para um superávit de US\$24,8 bilhões; as exportações do País passaram de US\$53,0 bilhões para US\$73,1 bilhões, enquanto as importações caíram de US\$59,7 bilhões para US\$48,3 bilhões⁴ (MDIC, 2004a). No mesmo período, a balança comercial do Estado de São Paulo saiu de um déficit de US\$10,4 bilhões para um superávit de US\$2,8 bilhões, as exportações⁵ do Estado cresceram de US\$18,1 bilhões para US\$23,1 bilhões, e as importações⁶ diminuíram de US\$28,5 bilhões para US\$20,3 bilhões (MDIC, 2004b).

A balança comercial do agronegócio brasileiro apresentou superávits com tendência ascendente, passando de US\$14,7 bilhões em 1997 para US\$25,9 bilhões em 2003⁷. As exportações do setor saltaram de US\$23,9 bilhões em 1997 para US\$31,1 bilhões em 2003, revertendo a partir de 2000 a tendência de queda observada entre 1997 e 1999 (INSTITUTO, 2004; VICENTE et al., 2004).

Também a balança comercial do agronegócio

paulista⁸ exibiu sucessivos superávits entre 1997 e 2003, evoluindo de US\$1,9 bilhão para US\$5,2 bilhões⁹. Em 1997 o agronegócio paulista exportou US\$5,8 bilhões e, em 2003, US\$7,2 bilhões (INSTITUTO, 2004; VICENTE et al., 2004).

Contribuíram para esses resultados os sucessivos ganhos de produtividade e eficiência¹⁰ em diversos elos das cadeias de produção, além dos esforços contínuos de melhoria de qualidade e de agregação de valor aos produtos. Em 2003, produtos industrializados (manufaturados e semimanufaturados) responderam por 54,0% do valor das exportações do agronegócio, em nível nacional. No caso do Estado de São Paulo, a participação de produtos industrializados na pauta de exportações do setor atingiu 78,5% do valor total (VICENTE et al., 2004).

Com a intensificação do processo de abertura da economia, a partir de meados dos anos 90s, as condições de competitividade de diversas mercadorias passaram a variar mais rapidamente. É pouco provável que participações estáveis - ou com tendência claramente definida - sejam a regra em mercados tão competitivos como os que são enfrentados pela maioria dos produtos do agronegócio. Por isso, cresce a relevância da construção de indicadores de competitividade de diferentes mercadorias, que possibilitam uma análise mais acurada das vantagens e desvantagens enfrentadas pelas distintas regiões produtoras.

O objetivo deste estudo foi o de construir e interpretar indicadores de competitividade para diferentes agregados de mercadorias dos agronegócios

³Logo após o Plano Real, a balança comercial brasileira - superavitária entre 1981 e 1994 - passou a apresentar déficits em consequência da sobrevalorização cambial. Com a adoção do câmbio flexível, em 1999, esses déficits diminuíram continuamente, e a partir de 2001 a balança comercial passou a apresentar superávits crescentes.

⁴Além dos efeitos do câmbio, a queda nas importações reflete as modestas taxas de crescimento que o País vem experimentando nos últimos anos.

⁵Estado produtor (Unidade da Federação exportadora), para efeito de divulgação estatística de exportação, é a Unidade da Federação onde foram cultivados os produtos agrícolas, extraídos os minerais ou fabricados os bens manufaturados, total ou parcialmente. Neste último caso, o estado produtor é aquele no qual foi completada a última fase do processo de fabricação para que o produto adote sua forma final.

⁶Estado importador (Unidade da Federação importadora) é definido como a Unidade da Federação do domicílio fiscal do importador.

⁷Mesmo considerando-se bens de capital e insumos comercializados com os demais setores, a balança comercial do agronegócio brasileiro exibiu superávits crescentes, passando de US\$12,3 bilhões em 1997 para US\$23,9 bilhões em 2003. Esses dados mostram que os demais setores acumularam sucessivos déficits no período.

⁸O Estado de São Paulo é o principal exportador e importador de produtos do agronegócio do País, respondendo em 2003 por 23,1% do valor exportado e por 38,5% do valor das importações (VICENTE et al., 2004).

⁹Considerando-se bens de capital e insumos comercializados com os demais setores, o superávit da balança comercial do agronegócio paulista cresceu de US\$0,8 bilhão em 1997 para US\$4,5 bilhões em 2003; portanto, também em nível do Estado de São Paulo os demais setores acumularam sucessivos déficits no período.

¹⁰Sobre a evolução da produtividade total de fatores na agropecuária, ver Gasques; Conceição (1997, 2001); no setor de lavouras, ver Vicente; Anfalos; Caser (2001). Diferenças de eficiências econômica, técnica e alocativa, entre as Unidades da Federação encontram-se em Vicente (2004).

no período 1997 a 2003, com ênfase no Estado de São Paulo. Mais especificamente, procurou-se explicitar os grupos de mercadorias do agronegócio em que o estado vem apresentando maiores possibilidades de inserção no comércio internacional, identificando vantagens comparativas reveladas e relacionando-as às taxas de cobertura.

2 - METODOLOGIA

Análises de competitividade através de indicadores de desempenho fundamentam-se na teoria explicitada por David Ricardo em 1817, e em seus desenvolvimentos posteriores, principalmente o efetuado por Heckscher e Ohlin¹¹. O conceito de vantagens comparativas reveladas, introduzido por Bela Balassa em 1965, deu origem aos mais difundidos indicadores de desempenho, sendo mais comumente utilizada a relação, para um determinado país (ou região), entre sua participação nas exportações de determinado produto ou setor, e sua participação nas exportações totais, para um conjunto de referência (países, país ou regiões) (COUTINHO e FERRAZ, 1993)¹².

Formalmente,

$$VCR = \frac{\frac{X_{ij}}{X_{ik}}}{\frac{X_j}{X_k}} \quad (1)$$

onde, X_{ij} é o valor das exportações do *i*-ésimo produto da *j*-ésima região ou país; X_{ik} é o valor das exportações do *i*-ésimo produto do *k*-ésimo conjunto de referência (região, país ou países); X_j é o valor total das exportações da *j*-ésima região ou país; e X_k é o valor total das exportações do *k*-ésimo conjunto de referência (região, país ou países).

Esse índice mostra se a participação das exportações de determinado produto ou setor, pelo

objeto de estudo, é maior ou menor do que sua participação nas exportações totais, em relação ao conjunto de referência. Se o valor do VCR for maior do que 1, pode-se inferir que a região *j* (ou país) apresenta vantagem comparativa revelada na produção do produto ou setor *i*, em relação à área de referência *k*; valor menor do que 1 indica desvantagem comparativa revelada (VASCONCELOS, 2003).

Esse indicador, além da desvantagem de não considerar as importações¹³, necessita de dados do conjunto de referência, e enfrenta também a dificuldade de conciliação de agregados de mercadorias, nem sempre factível. Por isso, neste estudo foi utilizado somente para comparar as exportações de produtos do agronegócio paulista com as efetuadas em nível nacional.

Os indicadores de desempenho propostos por Balassa foram aprofundados em trabalhos de Lafay a partir de 1987, que optou por conferir igual peso às importações e às exportações, amparado pela argumentação de que os esforços de liberalização comercial atenuaram as distorções protecionistas e de que informações sobre a penetração das importações são tão importantes quanto aquelas sobre exportações, podendo levar a conclusões diferentes sobre vantagens comparativas (COUTINHO e FERRAZ, 1993). Dos indicadores desenvolvidos por Lafay, o mais frequentemente utilizado é o índice de contribuição ao saldo comercial, baseado na idéia de que, através da normalização dos saldos comerciais (saldo comercial teórico), podem ser descontados os efeitos de fatores conjunturais responsáveis por superávits ou déficits comerciais globais, e a vantagem comparativa revelada representaria a balança comercial normalizada para um produto ou setor, correspondendo a uma situação hipotética de equilíbrio comercial (VASCONCELOS, 2003). Consiste, portanto, em uma comparação do saldo comercial observado para um determinado produto ou setor, com o saldo teórico esperado

¹¹Uma introdução a esses tópicos pode ser vista em Carvalho; Silva (2003).

¹²Variações desse indicador podem ser vistas em Carvalho (1999).

¹³A inclusão também das importações - tratada em outros indicadores propostos por Balassa -, embora superior de acordo com a teoria do comércio internacional, padeceria de distorções provocadas por ações protecionistas e dos efeitos das diferenças na demanda em cada país (COUTINHO; FERRAZ, 1993; VASCONCELOS, 2003).

caso o saldo global do país (ou região) em questão estivesse uniformemente distribuído entre todos os produtos ou setores, de acordo com sua participação no comércio global do país ou região (COUTINHO e FERRAZ, 1993).

Formalmente,

$$ICSC = \left[(X_i - M_i) - (X - M) \times \frac{(X_i + M_i)}{(X + M)} \right] \times \frac{100}{(X + M) / 2} \quad (2)$$

onde, X_i e M_i representam as exportações e importações do *i-ésimo* produto ou setor de uma região ou país; X e M as exportações e importações totais; $(X_i - M_i)$ o saldo comercial observado do *i-ésimo* produto ou setor; e $(X - M) \times (X_i + M_i) / (X + M)$ é o valor teórico que representa o *i-ésimo* componente no superávit (ou déficit) global. Se $ICSC > 0$, o *i-ésimo* produto apresenta vantagem comparativa revelada e se $ICSC < 0$, apresenta desvantagem comparativa revelada (HIDALGO e MATA, 2003).

Em desenvolvimentos posteriores, esse indicador passou a expressar o saldo comercial do produto ou setor em milésimos do Produto Interno Bruto (PIB) da economia analisada, e não mais em centésimos da média simples entre exportações e importações globais. A divisão do saldo por variáveis econômicas internas justifica-se pela necessidade de eliminar o viés introduzido, no denominador do indicador, pelo uso do valor do comércio setorial (COUTINHO e FERRAZ, 1993).

Formalmente,

$$ICSC_{PIB} = 1000 \times \frac{(X_i - M_i)}{Y} - 1000 \times \frac{(X - M)}{Y} \times \frac{(X_i + M_i)}{(X + M)} \quad (3)$$

onde Y é o PIB da região objeto de análise.

Complementando os indicadores de vantagens comparativas reveladas, foi calculada a taxa de cobertura, razão entre as importações e exportações ($T = X_i / M_i$) (DAVID e NONNENBERG, 1997).

Tanto os índices de contribuição ao saldo comercial, quanto as taxas de cobertura, foram calculados em níveis de Estado de São Paulo, das Demais

Unidades da Federação (UFs) e de Brasil.

2.1 - Fontes de Dados

Os dados analisados neste estudo tiveram como fonte o Sistema de Importações e Exportações dos Agronegócios (Sistema IEA), do IEA/APTA, que utiliza as séries de dados de comércio exterior disponibilizadas pela Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), no sistema Aliceweb (em US\$ FOB).

Na elaboração das estatísticas da balança comercial do agronegócio, as mercadorias da Nomenclatura Comum do MERCOSUL (NCM) são classificadas conforme descrito em Vicente et al. (2002), distribuídas em grupos de mercadorias e por fator agregado. A subdivisão dos grupos de mercadorias por fator agregado foi considerada em consonância com as conclusões de Caetano e Galego (2003), de que países (e, por analogia, regiões) geralmente são competitivos em subsetores (ou subprodutos), o que revela particularidades importantes em sua capacidade de agregação de valor às exportações.

Para os principais grãos cultivados no Estado de São Paulo - milho, soja, feijão, algodão, amendoim, trigo e arroz - foi também empregada a agregação por produto utilizada pelo IEA/APTA, construída a partir da classificação elaborada pela Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA)¹⁴.

Valores do PIB brasileiro (em US\$), para o período 1996-2003, foram obtidos no *site* do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA. Disponível em: <www.ipeadata.gov.br>). A participação do Estado de São Paulo no PIB nacional de 1996 a 2001 - e, por diferença, a das outras UF's - teve como fonte o *site* da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados

¹⁴No caso dos grãos, a classificação desenvolvida por Vicente et al. (2002) enquadra diferentes mercadorias oriundas do mesmo produto em grupos diferentes. Produtos de soja, por exemplo, estão enquadrados em Grãos/Farinhas/Farelo/Pellets/Sêneas, e também em Gorduras Vegetais.

(SEADE. Disponível em: <www.seade.sp.gov.br>); para 2002 e 2003 a participação paulista foi considerada igual à de 2001.

3 - Resultados e Discussão

Neste item são apresentados, inicialmente, os resultados dos indicadores de vantagens comparativas reveladas das exportações do agronegócio paulista em relação ao agronegócio nacional, por grupo e subgrupo de mercadorias e por fator agregado¹⁵. Em seguida, os resultados dos indicadores de contribuição ao saldo comercial corrigidos pelo PIB, em nível nacional, de Estado de São Paulo e também para as demais UFs. Referências às taxas de cobertura complementam a discussão desses dois indicadores.

3.1 - Vantagens Comparativas das Exportações do Agronegócio Paulista

As exportações do agronegócio do Estado de São Paulo, no período 1997 a 2003, apresentaram desvantagens comparativas em relação às do agronegócio brasileiro, de acordo com os dados agregados do setor, considerando-se ou não os bens de capital e insumos comercializados com os demais setores. Destaque-se, entretanto, que as exportações paulistas de mercadorias do agronegócio manufaturadas revelaram vantagens comparativas em todo o período (Tabela 1). As taxas de cobertura foram superiores a 1 em praticamente todos os casos, exceto para os produtos básicos, em nível de São Paulo, nos anos de 1996 e 1998¹⁶.

No grupo de mercadorias Têxteis, o Estado mostrou vantagens comparativas em todo o período apenas em produtos semimanufaturados de algodão (Têxteis de Fibras Vegetais) e, nos dois últimos anos,

em produtos manufaturados de outros vegetais. Todavia, as taxas de cobertura dos produtos semimanufaturados de algodão eram próximas de zero, ou seja, São Paulo importou quantidades desses produtos muito maiores do que as exportadas. Já as exportações paulistas de Têxteis de Fibras Animais (lã e seda) revelaram vantagens comparativas em todo o período analisado, devido principalmente aos produtos manufaturados. Embora as taxas de cobertura das têxteis de lã fossem menores do que 1, as das têxteis de seda eram bastante superiores (entre 3,4 e 7,6).

A partir de 2002 as exportações do grupo de Bovinos do Estado de São Paulo exibiram vantagens comparativas, em função, basicamente, dos resultados de produtos manufaturados de carne bovina - cuja taxa de cobertura foi superior a 1.000 - embora o Estado também detenha vantagem comparativa nos produtos básicos de carne bovina. Apesar de os índices dos produtos manufaturados de leite serem também superiores a 1, as taxas de cobertura para essas mercadorias eram inferiores à unidade¹⁷.

Os produtos manufaturados de Crustáceos/Moluscos/Outros para consumo foram o único subgrupo de Pescados em que as exportações paulistas apresentaram vantagens comparativas, a partir de 1998, em comparação com as demais UFs, com taxas de cobertura maiores do que 1 desde 1999 (valor igual a 3,82 em 2003).

Dentro do grupo de Café e Estimulantes, somente nas exportações de produtos manufaturados de café, cacau e de outras plantas estimulantes os dados indicam vantagem comparativa de São Paulo. As taxas de cobertura apresentaram valores muito elevados para produtos manufaturados de café em todos os anos, superiores a 1 para os de cacau a partir de 1999, e sempre inferiores a 1 para os de outras plantas estimulantes.

Os derivados da cana-de-açúcar - álcool (produtos manufaturados) e, principalmente, açúcar (produtos semimanufaturados e manufaturados) - levaram São Paulo a revelar vantagens comparativas no grupo de Cana e Sacarídeos, com taxas de cober-

¹⁵Por construção, vantagem comparativa de São Paulo em determinado grupo/subgrupo de mercadorias implica desvantagem comparativa das demais UFs.

¹⁶As tabelas com as taxas de cobertura podem ser obtidas junto ao autor.

¹⁷Exceto para produtos básicos de leite em 2003.

Tabela 1 - Índices de Vantagens Comparativas Reveladas, Agronegócio do Estado de São Paulo em Relação ao do Brasil, 1997 a 2003¹

		(continua)						
Setor, grupo de mercadorias e fator agregado		1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
AGRONEGÓCIO		0,75	0,76	0,78	0,70	0,70	0,75	0,75
	<i>Produtos Básicos</i>	0,34	0,29	0,35	0,32	0,29	0,34	0,35
	<i>Produtos Semimanufaturados</i>	0,52	0,55	0,64	0,51	0,68	0,68	0,69
	<i>Produtos Manufaturados</i>	1,32	1,31	1,29	1,17	1,22	1,30	1,32
AGRONEGÓCIO (exceto bens de capital / insumos)		0,72	0,73	0,76	0,67	0,68	0,74	0,73
	<i>Produtos Básicos</i>	0,34	0,29	0,35	0,32	0,29	0,34	0,35
	<i>Produtos Semimanufaturados</i>	0,52	0,55	0,64	0,51	0,68	0,68	0,69
	<i>Produtos Manufaturados</i>	1,31	1,31	1,28	1,15	1,22	1,31	1,34
TÊXTEIS		0,90	0,78	0,79	0,71	0,72	0,78	0,76
TÊXTEIS DE FIBRAS VEGETAIS / algodão	<i>Produtos Semimanufaturados</i>	2,83	2,81	2,70	2,76	0,46	3,00	3,17
têxteis de outros vegetais	<i>Produtos Manufaturados</i>	0,71	0,71	0,71	0,77	0,84	1,19	1,37
		0,72	0,71	0,72	0,81	0,88	1,30	1,51
TÊXTEIS DE FIBRAS ANIMAIS		1,42	1,21	1,48	1,34	1,31	1,34	1,28
Têxteis de lã		1,55	1,54	1,60	1,51	1,47	1,44	1,40
	<i>Produtos Semimanufaturados</i>	1,38	1,27	0,97	1,02	1,21	1,55	1,45
	<i>Produtos Manufaturados</i>	2,07	2,16	2,20	2,02	2,05	1,99	1,93
Têxteis de seda		1,30	0,94	1,40	1,23	1,17	1,26	1,12
	<i>Produtos Básicos</i>	0,88	0,65	0,00	0,00	0,00	0,74	1,66
	<i>Produtos Manufaturados</i>	1,32	0,97	1,42	1,23	1,21	1,28	1,11
BOVÍDEOS - BOVINOS		0,70	0,72	0,79	0,81	0,84	1,04	1,23
Carne Bovina		1,89	1,67	1,73	1,80	1,68	2,14	2,24
	<i>Produtos Básicos</i>	2,01	1,63	1,67	1,68	1,49	2,07	2,19
	<i>Produtos Manufaturados</i>	1,77	1,72	1,82	2,04	2,29	2,34	2,43
Leite		1,01	1,70	1,88	1,14	1,21	1,63	1,43
	<i>Produtos Manufaturados</i>	1,01	1,70	1,88	1,14	1,21	1,63	1,43
PESCADO		0,16	0,17	0,14	0,08	0,09	0,08	0,09
CRUSTÁCEOS/MOLUSCOS/OUTROS p/consumo	<i>Prod. Manufaturados</i>	0,00	2,81	2,74	2,77	2,82	1,02	1,96
CAFÉ E ESTIMULANTES		0,61	0,42	0,48	0,50	0,42	0,40	0,44
CAFÉ	<i>Produtos Manufaturados</i>	1,15	0,95	0,87	0,98	1,01	1,09	1,19
CACAU	<i>Produtos Manufaturados</i>	1,54	1,12	1,08	1,21	1,45	1,19	1,55
OUTRAS PLANTAS ESTIMULANTES	<i>Produtos Manufaturados</i>	2,75	2,33	1,30	1,47	0,28	0,36	2,41
CANA E SACARÍDEAS		1,65	1,75	1,91	1,78	1,88	2,06	2,08
CANA		1,65	1,75	1,91	1,78	1,88	2,06	2,08
Álcool	<i>Produtos Manufaturados</i>	1,53	1,85	1,96	1,77	2,14	1,96	1,56
Açúcar		1,66	1,75	1,91	1,78	1,87	2,07	2,12
	<i>Produtos Semimanufaturados</i>	1,31	1,45	1,76	1,50	1,53	1,86	1,86
	<i>Produtos Manufaturados</i>	2,16	2,14	2,13	2,26	2,41	2,30	2,56
FRUTAS		2,21	2,23	2,10	1,98	2,05	2,15	2,21
FRUTAS PROCESSADAS		2,67	2,63	2,52	2,53	2,64	2,74	2,93
Laranja	<i>Produtos Manufaturados</i>	2,85	2,74	2,65	2,68	2,78	2,88	3,07
Outros citros	<i>Produtos Manufaturados</i>	2,57	2,37	2,22	2,26	2,24	2,42	2,76
FRUTAS FRESCAS		0,43	0,34	0,34	0,27	0,42	0,25	0,26
Laranja	<i>Produtos Básicos</i>	2,93	2,80	2,73	2,78	2,82	2,98	3,13
Banana	<i>Produtos Básicos</i>	1,42	1,02	0,55	0,30	0,22	0,09	0,17
Tangerina	<i>Produtos Básicos</i>	2,93	2,81	2,74	2,78	2,82	2,99	3,17

¹Para poupar espaço são apresentados, além dos grupos de mercadorias, os subgrupos em que o Estado de São Paulo revelava vantagem comparativa ao menos em parte do período analisado. A versão completa da tabela pode ser obtida junto ao autor.

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos do Sistema de Importações e Exportações e Exportações dos Agronegócios (Sistema IEA).

Tabela 1 - Índices de Vantagens Comparativas Reveladas, Agronegócio do Estado de São Paulo em Relação ao do Brasil, 1997 a 2003¹

		(continua)						
Setor, grupo de mercadorias e fator agregado		1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
OLERÍCOLAS		0,54	0,48	0,46	0,47	0,49	0,53	0,45
Olerícolas frescas	<i>Produtos Básicos</i>	1,45	1,05	0,77	0,95	1,18	1,14	0,93
FLORES E ORNAMENTAIS		1,91	1,82	1,84	1,83	2,00	2,18	2,26
Flores		1,36	0,89	0,68	0,77	1,37	1,71	2,01
	<i>Produtos Básicos</i>	0,58	0,39	0,31	1,20	2,51	2,68	2,77
	<i>Produtos Manufaturados</i>	1,82	1,18	1,01	0,62	0,81	0,73	0,92
Plantas ornamentais	<i>Produtos Básicos</i>	2,14	2,11	2,13	1,99	2,09	2,26	2,33
CEREAIS/LEGUMINOSAS/OLEAGINOSAS		0,27	0,23	0,26	0,24	0,22	0,22	0,17
GRÃOS/FARINHAS/FARELO/PELLETS/SÊMEAS		0,28	0,25	0,29	0,24	0,22	0,22	0,16
Milho	<i>Produtos Manufaturados</i>	1,18	2,19	1,94	1,17	0,65	0,73	1,34
Trigo		2,26	2,10	1,52	1,69	1,90	2,23	2,14
	<i>Produtos Semimanufaturados</i>	1,81	1,17	1,37	1,68	2,58	1,82	3,12
	<i>Produtos Manufaturados</i>	2,26	2,18	1,54	1,70	1,90	2,24	2,48
Outros Cereais/Leguminosas/Oleaginosas		2,41	2,35	2,51	2,61	2,47	2,28	1,80
	<i>Produtos Básicos</i>	2,44	2,43	2,54	2,64	2,44	2,08	1,79
	<i>Produtos Semimanufaturados</i>	0,59	1,51	0,21	1,86	1,88	2,82	2,96
	<i>Produtos Manufaturados</i>	2,00	2,19	2,37	2,48	2,60	2,64	1,82
GORDURAS VEGETAIS		0,13	0,14	0,14	0,18	0,17	0,24	0,21
Outros Cereais/Leguminosas/Oleaginosas		0,63	0,74	0,86	0,77	0,91	1,19	1,44
	<i>Produtos Manufaturados</i>	1,41	1,44	1,73	1,84	1,99	2,23	2,06
GRÃOS PARA CONSUMO DIRETO		0,32	0,08	0,19	0,29	0,39	0,44	0,54
Feijão	<i>Produtos Básicos</i>	0,27	0,17	0,38	0,61	0,98	0,48	2,04
Outros Grãos para Consumo Direto		2,41	1,71	2,63	2,57	2,65	2,29	0,55
	<i>Produtos Manufaturados</i>	2,82	1,81	2,60	2,63	2,67	2,70	2,87
AGREGAÇÃO POR PRODUTO: ALGODÃO (exceto têxteis)		2,93	2,55	2,58	2,67	2,52	2,85	3,09
	<i>Produtos Básicos</i>	2,74	...	2,82	3,00	3,17
	<i>Produtos Manufaturados</i>	2,93	2,55	2,58	2,67	2,50	2,84	3,08
AMENDOIM		2,93	2,79	2,73	2,75	2,82	2,99	2,74
	<i>Produtos Básicos</i>	2,87	2,77	2,70	2,75	2,82	2,98	2,53
	<i>Produtos Semimanufaturados</i>	2,93	2,79	2,74	...	2,82	3,00	3,17
	<i>Produtos Manufaturados</i>	2,74	...	2,82	3,00	3,16
FEIJÃO	<i>Produtos Básicos</i>	0,15	0,09	0,41	0,62	0,96	0,48	2,03
MILHO	<i>Produtos Semimanufaturados</i>	0,36	0,00	0,00	2,78	1,61	0,99	1,48
PRODUTOS FLORESTAIS		0,77	0,76	0,66	0,59	0,62	0,58	0,61
CELULOSE		2,03	1,95	1,87	1,85	1,89	1,90	1,96
	<i>Produtos Semimanufaturados</i>	0,58	0,26	0,01	0,34	0,22	1,74	1,07
	<i>Produtos Manufaturados</i>	2,03	1,96	1,87	1,85	1,89	1,90	1,96
BORRACHA		2,48	2,42	2,20	2,19	2,20	2,19	2,22
	<i>Produtos Básicos</i>	2,93	0,49	0,08	0,30	0,42	2,81	3,09
	<i>Produtos Manufaturados</i>	2,48	2,43	2,21	2,21	2,20	2,18	2,21
OUTROS PRODUTOS FLORESTAIS		1,53	1,53	1,42	1,38	1,17	1,40	1,76
	<i>Produtos Manufaturados</i>	1,53	1,53	1,42	1,38	1,17	1,40	1,76
SUÍNOS E AVES		0,05	0,04	0,05	0,06	0,05	0,08	0,12
AVES		0,06	0,05	0,06	0,07	0,07	0,10	0,15
Ovos	<i>Produtos Básicos</i>	1,04	0,95	1,15	1,55	1,85	2,50	2,69
Aves Vivas	<i>Produtos Básicos</i>	0,57	0,65	0,76	1,21	1,10	1,57	2,71

¹Para poupar espaço são apresentados, além dos grupos de mercadorias, os subgrupos em que o Estado de São Paulo revelava vantagem comparativa ao menos em parte do período analisado. A versão completa da tabela pode ser obtida junto ao autor.

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos do Sistema de Importações e Importações e Exportações dos Agronegócios (Sistema IEA).

Tabela 1 - Índices de Vantagens Comparativas Reveladas, Agronegócio do Estado de São Paulo em Relação ao do Brasil, 1997 a 2003¹

Setor, grupo de mercadorias e fator agregado	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
	(conclusão)						
FUMO	0,29	0,18	0,03	0,02	0,00	0,01	0,01
AGRONEGÓCIOS ESPECIAIS	1,46	1,27	1,15	0,94	1,04	1,45	1,58
NICHOS DA PRODUÇÃO ANIMAL	1,59	1,58	1,62	1,55	1,46	1,57	1,59
	<i>Produtos Manufaturados</i>	2,42	2,38	2,28	2,19	2,34	2,43
Outros Animais Vivos	<i>Produtos Básicos</i>	0,97	1,68	2,32	1,42	1,50	1,74
NICHOS DA PRODUÇÃO VEGETAL		1,40	1,11	0,90	0,72	0,87	1,39
	<i>Produtos Básicos</i>	1,93	1,75	1,56	1,21	1,03	1,97
	<i>Produtos Semimanufaturados</i>	0,75	0,75	0,81	0,79	1,01	1,14
	<i>Produtos Manufaturados</i>	1,44	1,09	0,86	0,69	0,84	1,24
BENS DE CAPITAL / INSUMOS (comercializados com os demais setores)	1,39	1,32	1,37	1,43	1,24	1,20	1,17
Fertilizantes e Corretivos	0,10	0,15	0,25	0,16	0,32	0,38	0,36
	<i>Produtos Básicos</i>	0,94	1,33	2,13	1,96	1,88	0,92
Químicos p/ Defesa da Agropecuária	<i>Produtos Manufaturados</i>	1,35	1,18	1,15	1,23	1,28	1,53
Maquinaria e Peças	<i>Produtos Manufaturados</i>	1,45	1,41	1,52	1,59	1,29	1,10

¹Para poupar espaço são apresentados, além dos grupos de mercadorias, os subgrupos em que o Estado de São Paulo revelava vantagem comparativa ao menos em parte do período analisado. A versão completa da tabela pode ser obtida junto ao autor.

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos do Sistema de Importações e Exportações dos Agronegócios (Sistema IEA).

tura elevadíssimas para açúcar e positivas e crescentes para o álcool.

As exportações de laranja e outros citros processados (produtos manufaturados), por sua vez, foram responsáveis pelas vantagens comparativas paulistas no grupo das Frutas, combinadas com elevadas taxas de cobertura. Entre as Frutas Frescas (produtos básicos), São Paulo detinha também vantagens comparativas e taxas de cobertura superiores a 1 em laranja e tangerina; nesse caso, é interessante reparar na perda de competitividade das exportações paulistas de banana a partir de 1999.

Entre as Olerícolas, apesar de valores maiores do que 1 para as olerícolas frescas (produtos básicos) em mais de metade dos anos da série, São Paulo apresentou desvantagens comparativas e taxas de cobertura menores do que a unidade.

As vantagens comparativas paulistas no grupo de Flores e Ornamentais deveram-se às exportações de produtos manufaturados de flores e às de plantas ornamentais (produtos básicos); entretanto, somente essas últimas mercadorias tiveram taxas de cobertura superiores a 1.

No grupo de Cereais/Leguminosas/Oleaginosas, São Paulo apresentou desvantagens compa-

rativas em todo o período, em relação às outras UFs, tanto no subgrupo de Grãos/Farinhas/Farelo/Pellets/Sêneas, quanto em Gorduras Vegetais e em Grãos para Consumo Direto. No primeiro subgrupo, percebe-se uma perda de competitividade de produtos manufaturados de milho em 2001 e 2002; as vantagens comparativas nas exportações de trigo devem ser vistas com cuidado, devido às taxas de cobertura muito baixas, exceto para os produtos manufaturados que tiveram índices superiores a 1 nos dois últimos anos da série. Apenas para os produtos básicos de Outros Cereais/Leguminosas/Oleaginosas o Estado conseguiu taxas de cobertura consistentemente favoráveis. Nas Gorduras Vegetais, a nítida tendência crescente de ganhos de competitividade nas exportações de produtos manufaturados de outros cereais/leguminosas/oleaginosas esbarrava ainda nas taxas de cobertura inferiores a 1.

No agregado por produto, considerando-se os principais grãos cultivados em São Paulo, os indicadores de vantagens comparativas reveladas exibiram situações favoráveis em algodão (produtos básicos e semimanufaturados), amendoim (produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados) e, em

parte do período, para produtos semimanufaturados de milho, geralmente com taxas de cobertura muito superiores à unidade.

Manufaturados de Celulose, Borracha e de Outros Produtos Florestais também mostraram vantagens comparativas do agronegócio paulista, confirmadas pelas taxas de cobertura; os índices menores do que 1 verificados no grupo de Produtos Florestais devem-se aos produtos básicos de Madeira.

Acentuadas desvantagens comparativas foram reveladas para o grupo de Suínos e Aves, com exceção de aves vivas e ovos (produtos básicos), estes últimos também com taxas de cobertura favoráveis.

Na maior parte dos anos do período analisado, as exportações paulistas de mercadorias do grupo de Agronegócios Especiais - tanto de origem animal quanto de origem vegetal - mostraram vantagens em relação às demais UFs, relacionadas a produtos básicos e manufaturados, para os quais as taxas de cobertura eram também maiores do que 1.

Embora o Estado de São Paulo revele vantagens comparativas nas exportações de Bens de Capital e Insumos utilizados pelo agronegócio e comercializados com os demais setores, as taxas de cobertura identificam situações favoráveis apenas para maquinaria e peças, em 2003, comportamento também observado em nível nacional.

3.2 - Vantagens Comparativas do Agronegócio Brasileiro, do Estado de São Paulo e das Demais Unidades da Federação

De acordo com os indicadores de contribuição ao saldo comercial corrigidos pelo PIB (ICSC_{PIB}), os agronegócios brasileiro, de São Paulo e das demais UFs revelaram vantagens comparativas com índices crescentes, no período 1996 a 2003 (Tabela 2)¹⁸. O Estado de São Paulo era mais competitivo nos pro-

ductos manufaturados, e as demais UFs nos produtos básicos. As maiores taxas de cobertura corresponderam aos produtos semimanufaturados, tanto em nível de São Paulo (4,99 em 2003) quanto em nível nacional (5,10 em 2003) e, para as demais UFs, aos produtos básicos (6,81 em 2003).

Dos 13 grandes grupos de mercadorias do agronegócio, apenas para Olerícolas e para Flores e Ornamentais não houve valores de ICSC_{PIB} positivos ao menos no final do período analisado, tanto em nível nacional quanto para as demais UFs. No caso do Estado de São Paulo, também Pescado e Cereais/Leguminosas/Oleaginosas tiveram índices negativos em todo período. Índices crescentemente negativos foram observados para Bens de Capital e Insumos comercializados com os demais setores.

Os 5 principais grupos de mercadorias exportadas pelo agronegócio brasileiro em 2003 foram: Cereais/Leguminosas/Oleaginosas (US\$8,76 bilhões); Produtos Florestais (US\$5,70 bilhões); Bovinos (US\$4,14 bilhões); Suínos e Aves (US\$2,53 bilhões) e Cana e Sacarídeas (US\$2,33 bilhões) (VICENTE et al. 2004). Somados, esses produtos responderam por 75,4% do valor das exportações e por 76,6% do superávit do agronegócio nacional em 2003¹⁹. Para todos esses grupos de mercadorias os ICSC_{PIB} apresentaram tendência ascendente no período 1996-2003, indicando aumento de competitividade, resultados corroborados pelas taxas de cobertura, sempre superiores a 1 e também com tendência crescente.

Para o Estado de São Paulo, os resultados comparativos do ICSC_{PIB} em relação aos totais nacionais - e por consequência com as demais UFs - concordam, via-de-regra, com os dos indicadores de vantagens comparativas nas exportações apresentados anteriormente. Em 2003, os principais grupos de mercadorias exportadas pelo agronegócio paulista foram: Bovinos (US\$1,61 bilhão); Cana e Sacarídeas (US\$1,52 bilhão); Frutas (US\$1,29 bilhão)²⁰; Produtos Florestais (US\$1,10 bilhão) e Cereais/Leguminosas/

¹⁸Para poupar espaço, a tabela 2 apresenta dados agregados de 1996 a 1998, 1999 e 2000, e 2001 a 2003. No período 1996 a 1998 a balança comercial brasileira apresentou elevados déficits; em 1999 e 2000 os déficits diminuíram substancialmente, e a partir de 2001 recomeçou um período de superávits crescentes. Os dados anuais podem ser obtidos junto ao autor.

¹⁹Sem considerar os bens de capital e insumos comercializados com os demais setores.

²⁰Principalmente suco de laranja (US\$1,22 bilhão).

Tabela 2 - Índices de Contribuição do Saldo Comercial, Agronegócios do Estado de São Paulo, Demais UFs e do Brasil, 1996-98 a 2001-03

(continua)

Setor, grupo de mercadorias e fator agregado	São Paulo			Demais UFs			Brasil		
	1996-98	1999-00	2001-03	1996-98	1999-00	2001-03	1996-98	1999-00	2001-03
AGRONEGÓCIO	12,57	16,79	22,35	17,05	23,42	33,75	16,61	22,33	31,40
<i>Produtos Básicos</i>	1,16	2,40	3,33	9,70	13,06	21,67	7,90	10,48	16,99
<i>Produtos Semimanufaturados</i>	2,74	3,90	5,76	5,06	6,33	7,38	4,57	5,88	7,22
<i>Produtos Manufaturados</i>	8,67	10,49	13,25	2,30	4,03	4,69	4,14	5,97	7,19
AGRONEGÓCIO (Exc. bens de capital/insumos (dos demais setores))	14,62	20,09	26,80	19,57	27,49	39,56	19,06	26,16	36,76
<i>Produtos Básicos</i>	1,16	2,40	3,34	9,70	13,07	21,70	7,90	10,49	17,01
<i>Produtos Semimanufaturados</i>	3,08	4,44	6,44	5,71	7,46	9,08	5,10	6,77	8,53
<i>Produtos Manufaturados</i>	10,37	13,25	17,03	4,16	6,96	8,78	6,06	8,90	11,21
TÊXTEIS	-0,12	0,47	1,01	-0,41	0,28	1,45	-0,26	0,42	1,36
TÊXTEIS DE FIBRAS VEGETAIS	-0,25	0,38	0,95	-0,45	0,26	1,42	-0,33	0,38	1,32
Têxteis de Algodão	-0,04	0,47	0,82	-0,52	0,12	1,32	-0,29	0,32	1,22
<i>Produtos Básicos</i>	-0,45	-0,14	0,03	-1,15	-0,84	0,02	-0,86	-0,56	0,05
<i>Produtos Semimanufaturados</i>	-0,02	-0,05	-0,07	-0,01	-0,01	-0,01	-0,01	-0,02	-0,03
<i>Produtos Manufaturados</i>	0,44	0,67	0,86	0,63	0,96	1,31	0,58	0,90	1,20
Têxteis de Outros Vegetais	-0,22	-0,09	0,13	0,07	0,14	0,09	-0,04	0,06	0,10
<i>Produtos Básicos</i>	-0,01	-0,01	-0,01	-0,02	-0,01	0,02	-0,02	-0,01	0,01
<i>Produtos Manufaturados</i>	-0,21	-0,08	0,14	0,09	0,14	0,07	-0,02	0,07	0,09
TÊXTEIS DE FIBRAS ANIMAIS	0,13	0,09	0,06	0,04	0,02	0,03	0,07	0,04	0,04
Têxteis de Lã	0,02	-0,04	-0,01	-0,04	-0,04	-0,01	-0,02	-0,04	-0,02
<i>Produtos Básicos</i>	0,00	-0,01	-0,01	0,02	0,01	0,01	0,02	0,00	0,01
<i>Produtos Semimanufaturados</i>	0,02	0,01	0,03	0,01	0,02	0,02	0,01	0,02	0,02
<i>Produtos Manufaturados</i>	0,00	-0,05	-0,04	-0,07	-0,06	-0,05	-0,05	-0,06	-0,05
Têxteis de Seda	0,11	0,13	0,08	0,08	0,06	0,05	0,09	0,08	0,06
<i>Produtos Básicos</i>	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
<i>Produtos Manufaturados</i>	0,11	0,13	0,08	0,08	0,06	0,04	0,09	0,08	0,05
BOVÍDEOS - BOVINOS	1,84	3,68	7,17	2,44	3,63	4,97	2,40	3,79	5,76
Carne Bovina	1,21	2,86	5,20	0,10	0,55	0,86	0,46	1,27	2,15
<i>Produtos Básicos</i>	0,53	1,66	3,70	-0,09	0,33	0,70	0,11	0,75	1,59
<i>Produtos Manufaturados</i>	0,68	1,20	1,50	0,19	0,22	0,17	0,35	0,53	0,56
Leite	-0,56	-0,76	-0,39	-0,59	-0,66	-0,32	-0,58	-0,70	-0,35
<i>Produtos Básicos</i>	-0,08	-0,07	-0,01	-0,05	-0,05	-0,01	-0,06	-0,06	-0,01
<i>Produtos Manufaturados</i>	-0,49	-0,69	-0,38	-0,54	-0,61	-0,30	-0,52	-0,64	-0,34
Couro	1,25	1,62	2,41	3,00	3,77	4,45	2,59	3,26	3,99
<i>Produtos Básicos</i>	0,00	0,00	0,00	0,02	0,01	-0,01	0,02	0,00	-0,01
<i>Produtos Semimanufaturados</i>	0,77	1,00	1,63	0,64	0,80	1,25	0,73	0,93	1,43
<i>Produtos Manufaturados</i>	0,48	0,62	0,78	2,34	2,97	3,21	1,84	2,33	2,57
Bovinos Vivos	-0,06	-0,04	-0,04	-0,07	-0,04	-0,02	-0,07	-0,04	-0,02
PESCADO	-0,55	-0,64	-0,74	-0,30	0,05	0,47	-0,38	-0,18	0,10
PEIXES	-0,54	-0,65	-0,74	-0,44	-0,24	-0,15	-0,47	-0,39	-0,35
Peixes para Consumo	-0,54	-0,65	-0,74	-0,44	-0,25	-0,16	-0,48	-0,39	-0,36
<i>Produtos Básicos</i>	-0,47	-0,59	-0,69	-0,41	-0,24	-0,14	-0,43	-0,37	-0,33
<i>Produtos Semimanufaturados</i>	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
<i>Produtos Manufaturados</i>	-0,07	-0,06	-0,06	-0,03	-0,01	-0,02	-0,04	-0,03	-0,03
Peixes Vivos	0,00	0,00	0,00	0,01	0,01	0,01	0,00	0,01	0,01
CRUSTÁCEOS, MOLUSCOS E OUTROS p/ consumo	-0,01	0,00	0,01	0,14	0,29	0,62	0,10	0,21	0,45
<i>Produtos Básicos</i>	-0,01	0,00	0,01	0,14	0,29	0,62	0,10	0,21	0,45
<i>Produtos Manufaturados</i>	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos do Sistema de Importações e Exportações dos Agronegócios (Sistema IEA).

Tabela 2 - Índices de Contribuição do Saldo Comercial, Agronegócios do Estado de São Paulo, Demais UFs e do Brasil, 1996-98 a 2001-03

(continua)

Setor, grupo de mercadorias e fator agregado	São Paulo			Demais UFs			Brasil		
	1996-98	1999-00	2001-03	1996-98	1999-00	2001-03	1996-98	1999-00	2001-03
CAFÉ E ESTIMULANTES	2,21	2,28	1,34	4,18	4,42	3,32	3,70	3,91	2,83
CAFÉ	2,27	2,19	1,19	3,88	4,29	3,11	3,51	3,76	2,62
<i>Produtos Básicos</i>	1,67	1,75	0,72	3,48	3,92	2,79	3,04	3,36	2,24
<i>Produtos Manufaturados</i>	0,61	0,44	0,47	0,40	0,37	0,32	0,48	0,40	0,37
CACAU	-0,08	0,06	0,12	0,25	0,07	0,16	0,14	0,09	0,17
<i>Produtos Básicos</i>	0,00	0,00	-0,04	0,01	-0,20	-0,25	0,01	-0,12	-0,17
<i>Produtos Semimanufaturados</i>	0,02	0,01	-0,01	0,22	0,24	0,33	0,17	0,18	0,24
<i>Produtos Manufaturados</i>	-0,10	0,06	0,18	0,01	0,03	0,08	-0,04	0,04	0,10
OUTRAS PLANTAS ESTIMULANTES	0,02	0,03	0,03	0,05	0,06	0,05	0,04	0,05	0,04
<i>Produtos Básicos</i>	0,02	0,03	0,03	0,05	0,06	0,05	0,04	0,05	0,04
<i>Produtos Manufaturados</i>	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
CANA E SACARÍDEAS	4,63	6,19	9,39	1,03	1,21	1,83	2,19	2,76	4,06
CANA	4,63	6,19	9,39	1,03	1,21	1,83	2,19	2,76	4,06
<i>Produtos Manufaturados</i>	-0,10	0,10	0,33	-0,24	-0,03	0,06	-0,18	0,00	0,13
Açúcar	4,74	6,09	9,08	1,27	1,25	1,76	2,38	2,76	3,94
<i>Produtos Semimanufaturados</i>	2,62	3,37	4,63	0,94	0,94	1,34	1,49	1,70	2,33
<i>Produtos Manufaturados</i>	2,11	2,73	4,45	0,33	0,31	0,42	0,89	1,05	1,61
Outros Produtos de Cana	0,00	0,00	-0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
<i>Produtos Básicos</i>	0,00	0,00	-0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
OUTRAS SACARÍDEAS	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
<i>Produtos Básicos</i>	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
<i>Produtos Semimanufaturados</i>	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
FRUTAS	4,94	6,26	6,01	0,16	0,45	0,71	1,63	2,25	2,24
FRUTAS PROCESSADAS	5,16	6,28	6,19	0,01	-0,02	-0,04	1,59	1,91	1,77
Laranja	5,29	6,47	6,41	0,07	0,09	0,08	1,67	2,04	1,93
<i>Produtos Manufaturados</i>	0,06	0,07	0,06	0,00	0,00	-0,02	0,02	0,02	0,00
Outros Citros	0,06	0,07	0,06	0,00	0,00	-0,02	0,02	0,02	0,00
Uva	-0,11	-0,18	-0,22	-0,04	-0,12	-0,14	-0,06	-0,14	-0,17
<i>Produtos Básicos</i>	-0,03	-0,04	-0,05	-0,02	-0,03	-0,02	-0,03	-0,03	-0,03
<i>Produtos Manufaturados</i>	-0,08	-0,14	-0,17	-0,02	-0,09	-0,12	-0,04	-0,11	-0,14
Outras Frutas	-0,09	-0,07	-0,06	-0,02	0,01	0,04	-0,04	-0,01	0,01
<i>Produtos Básicos</i>	-0,04	-0,04	-0,06	-0,03	-0,05	-0,03	-0,03	-0,05	-0,04
<i>Produtos Semimanufaturados</i>	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	0,00	0,00	0,01
<i>Produtos Manufaturados</i>	-0,05	-0,03	0,00	0,01	0,06	0,06	-0,01	0,03	0,04
FRUTAS FRESCAS	-0,21	-0,03	-0,18	0,15	0,47	0,75	0,04	0,34	0,47
Laranja	0,08	0,10	0,10	0,00	0,00	0,00	0,02	0,03	0,03
<i>Produtos Básicos</i>	0,02	0,01	0,01	0,01	0,03	0,06	0,01	0,02	0,05
Banana	0,02	0,01	0,01	0,01	0,03	0,06	0,01	0,02	0,05
<i>Produtos Básicos</i>	-0,07	-0,03	-0,08	-0,08	0,02	0,04	-0,07	0,01	0,00
Maçã	-0,07	-0,03	-0,08	-0,08	0,02	0,04	-0,07	0,01	0,00
<i>Produtos Básicos</i>	-0,04	-0,01	-0,02	-0,02	0,01	0,09	-0,03	0,01	0,06
Uva	-0,04	-0,01	-0,02	-0,02	0,01	0,09	-0,03	0,01	0,06
<i>Produtos Básicos</i>	0,01	0,02	0,04	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	0,01
Tangerina	0,01	0,02	0,04	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	0,01
<i>Produtos Básicos</i>	0,01	0,02	0,04	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	0,01
Outras Frutas	-0,22	-0,12	-0,22	0,24	0,41	0,56	0,10	0,26	0,33
<i>Produtos Básicos</i>	-0,22	-0,12	-0,22	0,24	0,41	0,56	0,10	0,26	0,33
OLERÍCOLAS	-0,42	-0,45	-0,67	-0,41	-0,23	-0,18	-0,40	-0,30	-0,35
<i>Produtos Básicos</i>	-0,15	-0,17	-0,24	0,00	0,04	0,00	-0,05	-0,03	-0,08
<i>Produtos Semimanufaturados</i>	0,00	0,00	0,00	0,00	0,02	0,03	0,00	0,01	0,02
<i>Produtos Manufaturados</i>	-0,19	-0,24	-0,28	-0,14	-0,12	-0,09	-0,16	-0,17	-0,16
Olerícolas Frescas	-0,08	-0,04	-0,15	-0,26	-0,17	-0,12	-0,19	-0,12	-0,13
<i>Produtos Básicos</i>	-0,08	-0,04	-0,15	-0,26	-0,17	-0,12	-0,19	-0,12	-0,13
FLORES E ORNAMENTAIS	-0,01	-0,04	-0,03	-0,05	-0,06	-0,07	-0,04	-0,05	-0,06
Flores	-0,04	-0,08	-0,09	-0,05	-0,06	-0,06	-0,04	-0,07	-0,07
<i>Produtos Básicos</i>	-0,01	-0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
<i>Produtos Manufaturados</i>	-0,03	-0,08	-0,09	-0,05	-0,06	-0,06	-0,04	-0,07	-0,07
Plantas Ornamentais	0,03	0,04	0,06	0,00	0,00	-0,01	0,01	0,01	0,01
<i>Produtos Básicos</i>	0,03	0,04	0,06	0,00	0,00	-0,01	0,01	0,01	0,01

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos do Sistema de Importações e Exportações dos Agronegócios (Sistema IEA).

Tabela 2 - Índices de Contribuição do Saldo Comercial, Agronegócios do Estado de São Paulo, Demais UFs e do Brasil, 1996-98 a 2001-03

(continua)

Setor, grupo de mercadorias e fator agregado	São Paulo			Demais UFs			Brasil		
	1996-98	1999-00	2001-03	1996-98	1999-00	2001-03	1996-98	1999-00	2001-03
CEREAIS/LEGUMINOSAS/OLEAGINOSAS	-0,04	-0,03	-0,03	5,02	5,59	11,29	3,97	4,28	8,51
GRÃOS/FARINHAS/FARELO/PELLETS/SEMEAS	0,81	0,51	0,38	4,51	5,00	9,99	3,84	3,98	7,66
Soja	1,34	1,50	1,98	6,75	7,57	12,41	5,39	5,95	9,71
<i>Produtos Básicos</i>	1,34	1,51	2,00	6,74	7,54	12,34	5,39	5,93	9,67
<i>Produtos Manufaturados</i>	-0,01	-0,01	-0,02	0,01	0,03	0,07	0,00	0,02	0,04
Milho	-0,01	-0,03	0,03	-0,12	-0,33	0,75	-0,06	-0,21	0,57
<i>Produtos Básicos</i>	-0,02	-0,04	0,02	-0,12	-0,33	0,74	-0,07	-0,21	0,56
<i>Produtos Semimanufaturados</i>	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	0,00	0,00	0,01
<i>Produtos Manufaturados</i>	0,01	0,01	0,01	0,00	0,00	0,01	0,00	0,00	0,01
Trigo	-0,71	-1,09	-1,53	-1,69	-1,87	-2,51	-1,28	-1,56	-2,15
<i>Produtos Básicos</i>	-0,61	-1,05	-1,56	-1,50	-1,76	-2,44	-1,12	-1,48	-2,11
<i>Produtos Semimanufaturados</i>	0,00	-0,01	-0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	-0,01
<i>Produtos Manufaturados</i>	-0,10	-0,03	0,04	-0,19	-0,10	-0,06	-0,16	-0,08	-0,04
Outros Cereais/Leguminosas/Oleaginosas	0,20	0,14	-0,09	-0,43	-0,39	-0,66	-0,21	-0,21	-0,47
<i>Produtos Básicos</i>	0,37	0,25	0,11	-0,05	-0,04	-0,09	0,09	0,05	-0,03
<i>Produtos Semimanufaturados</i>	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
<i>Produtos Manufaturados</i>	-0,17	-0,12	-0,20	-0,37	-0,35	-0,58	-0,29	-0,26	-0,44
GORDURAS VEGETAIS	-0,44	-0,19	0,05	1,23	1,08	1,83	0,73	0,73	1,35
Soja	-0,18	-0,02	0,15	1,24	1,14	1,90	0,83	0,83	1,44
<i>Produtos Semimanufaturados</i>	-0,18	-0,03	0,11	1,13	0,93	1,60	0,75	0,67	1,21
<i>Produtos Manufaturados</i>	0,01	0,01	0,04	0,11	0,21	0,30	0,08	0,15	0,23
Outros Cereais/Leguminosas/Oleaginosas	-0,26	-0,16	-0,11	-0,01	-0,07	-0,08	-0,10	-0,10	-0,09
<i>Produtos Semimanufaturados</i>	-0,06	-0,07	-0,09	0,09	0,08	0,04	0,04	0,04	0,00
<i>Produtos Manufaturados</i>	-0,20	-0,10	-0,02	-0,09	-0,15	-0,12	-0,15	-0,13	-0,09
GRÃOS PARA CONSUMO DIRETO	-0,41	-0,36	-0,46	-0,72	-0,48	-0,53	-0,59	-0,43	-0,50
Arroz	-0,31	-0,31	-0,33	-0,56	-0,36	-0,46	-0,45	-0,34	-0,41
Feijão	-0,07	-0,03	-0,09	-0,15	-0,05	-0,06	-0,11	-0,04	-0,07
Outros Grãos para Consumo Direto	-0,03	-0,02	-0,04	-0,02	-0,07	-0,01	-0,02	-0,05	-0,02
<i>Produtos Básicos</i>	-0,03	-0,02	-0,04	-0,02	-0,07	-0,01	-0,02	-0,05	-0,02
<i>Produtos Manufaturados</i>	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
AGREGAÇÃO POR PRODUTO: ALGODÃO (exceto têxteis)	0,00	0,06	0,12	-0,01	0,00	0,00	-0,01	0,02	0,04
<i>Produtos Básicos</i>	0,00	0,00	0,01	-0,01	0,00	0,00	-0,01	0,00	0,00
<i>Produtos Semimanufaturados</i>	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
<i>Produtos Manufaturados</i>	0,00	0,06	0,11	0,00	0,00	0,00	0,00	0,02	0,03
AMENDOIM	0,02	0,01	0,04	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01
<i>Produtos Básicos</i>	0,00	0,00	0,03	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01
<i>Produtos Semimanufaturados</i>	0,02	0,01	0,01	0,00	0,00	0,00	0,01	0,00	0,00
<i>Produtos Manufaturados</i>	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
ARROZ	-0,31	-0,31	-0,33	-0,56	-0,36	-0,46	-0,45	-0,34	-0,41
FEIJÃO	-0,07	-0,03	-0,09	-0,15	-0,05	-0,06	-0,11	-0,04	-0,07
MILHO	-0,02	-0,04	0,04	-0,12	-0,33	0,74	-0,07	-0,22	0,57
<i>Produtos Básicos</i>	-0,02	-0,04	0,02	-0,13	-0,34	0,74	-0,07	-0,22	0,56
<i>Produtos Semimanufaturados</i>	0,00	0,00	0,02	0,00	0,00	0,01	0,00	0,00	0,01
<i>Produtos Manufaturados</i>	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
SOJA	1,17	1,49	2,16	7,99	8,69	14,24	6,22	6,77	11,11
<i>Produtos Básicos</i>	1,34	1,51	2,00	6,74	7,54	12,34	5,39	5,93	9,67
<i>Produtos Semimanufaturados</i>	-0,18	-0,03	0,11	1,13	0,93	1,60	0,75	0,67	1,21
<i>Produtos Manufaturados</i>	0,01	0,02	0,04	0,12	0,21	0,30	0,09	0,16	0,23
TRIGO	-0,64	-1,08	-1,58	-1,62	-1,85	-2,49	-1,21	-1,54	-2,15
<i>Produtos Básicos</i>	-0,61	-1,05	-1,56	-1,50	-1,76	-2,44	-1,12	-1,48	-2,11
<i>Produtos Manufaturados</i>	-0,04	-0,03	-0,02	-0,12	-0,09	-0,05	-0,09	-0,06	-0,04

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos do Sistema de Importações e Exportações dos Agronegócios (Sistema IEA).

Tabela 2 - Índices de Contribuição do Saldo Comercial, Agronegócios do Estado de São Paulo, Demais UFs e do Brasil, 1996-98 a 2001-03

(continua)

Setor, grupo de mercadorias e fator agregado	São Paulo			Demais UFs			Brasil		
	1996-98	1999-00	2001-03	1996-98	1999-00	2001-03	1996-98	1999-00	2001-03
PRODUTOS FLORESTAIS	1,09	1,92	2,14	3,59	6,87	7,96	2,78	5,37	6,27
CELULOSE	1,01	1,38	1,72	-0,34	-0,12	-0,08	-0,07	0,20	0,34
<i>Produtos Semimanufaturados</i>	0,00	-0,01	0,00	0,00	0,00	-0,01	0,00	-0,01	-0,01
<i>Produtos Manufaturados</i>	1,01	1,39	1,73	-0,34	-0,12	-0,07	-0,07	0,20	0,35
MADEIRA	0,26	0,72	0,86	3,97	7,01	8,09	2,96	5,27	6,14
<i>Produtos Básicos</i>	0,00	0,00	-0,01	0,06	0,06	0,04	0,05	0,04	0,02
<i>Produtos Semimanufaturados</i>	-0,06	0,27	0,31	2,63	4,39	4,47	1,88	3,24	3,33
<i>Produtos Manufaturados</i>	0,32	0,45	0,56	1,28	2,55	3,58	1,04	1,99	2,78
BORRACHA	-0,21	-0,22	-0,48	-0,05	-0,04	-0,07	-0,13	-0,12	-0,24
<i>Produtos Básicos</i>	-0,26	-0,29	-0,56	-0,05	-0,05	-0,08	-0,14	-0,14	-0,26
<i>Produtos Manufaturados</i>	0,05	0,07	0,08	0,00	0,00	0,01	0,01	0,02	0,03
OUTROS PRODUTOS FLORESTAIS	0,03	0,04	0,03	0,02	0,02	0,02	0,02	0,03	0,02
<i>Produtos Básicos</i>	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
<i>Produtos Semimanufaturados</i>	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
<i>Produtos Manufaturados</i>	0,04	0,04	0,03	0,02	0,02	0,02	0,02	0,03	0,02
SUÍNOS E AVES	0,00	0,03	0,25	1,82	2,56	5,01	1,33	1,85	3,73
AVES	0,05	0,10	0,30	1,57	2,21	3,90	1,16	1,62	2,93
Carne de Frango	0,05	0,10	0,28	1,51	2,08	3,63	1,11	1,52	2,73
<i>Produtos Básicos</i>	0,04	0,09	0,28	1,49	2,03	3,47	1,09	1,49	2,61
<i>Produtos Manufaturados</i>	0,01	0,00	0,01	0,02	0,05	0,15	0,01	0,04	0,11
Ovos	0,01	0,02	0,03	0,01	0,00	0,00	0,01	0,01	0,01
Outras Carnes Avícolas	0,00	0,00	0,00	0,07	0,15	0,30	0,05	0,11	0,22
<i>Produtos Básicos</i>	0,00	0,00	0,00	0,07	0,15	0,30	0,05	0,11	0,22
<i>Produtos Manufaturados</i>	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Outros Produtos Avícolas	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
<i>Produtos Básicos</i>	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
<i>Produtos Manufaturados</i>	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Aves Vivas	0,00	-0,02	-0,01	-0,02	-0,02	-0,02	-0,01	-0,02	-0,02
SUÍNOS	-0,05	-0,07	-0,05	0,25	0,35	1,11	0,17	0,23	0,79
<i>Produtos Básicos</i>	-0,04	-0,06	-0,05	0,24	0,32	1,09	0,16	0,21	0,78
<i>Produtos Semimanufaturados</i>	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	-0,01	0,00	0,00	0,00
<i>Produtos Manufaturados</i>	0,00	0,00	0,00	0,02	0,03	0,02	0,01	0,02	0,01
Suínos Vivos	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
FUMO	0,63	0,03	0,00	2,49	2,16	2,43	2,02	1,57	1,78
<i>Produtos Básicos</i>	0,02	0,00	0,00	1,76	2,07	2,36	1,30	1,50	1,73
<i>Produtos Manufaturados</i>	0,60	0,03	0,00	0,73	0,09	0,06	0,72	0,07	0,05
AGRONEGÓCIOS ESPECIAIS	0,41	0,39	0,96	0,01	0,57	0,38	0,11	0,49	0,52
NICHOS DA PRODUÇÃO ANIMAL	0,23	0,41	0,51	0,04	0,07	0,06	0,09	0,16	0,19
<i>Produtos Básicos</i>	0,02	0,04	0,19	0,04	0,09	0,15	0,04	0,08	0,17
<i>Produtos Semimanufaturados</i>	0,00	0,00	0,00	0,02	0,01	0,00	0,02	0,01	0,00
<i>Produtos Manufaturados</i>	0,21	0,37	0,32	-0,01	-0,02	-0,08	0,04	0,08	0,02
Outros Animais Vivos	0,00	0,01	0,00	-0,01	-0,01	-0,01	-0,01	-0,01	0,00
NICHOS DA PRODUÇÃO VEGETAL	0,19	-0,02	0,45	-0,03	0,50	0,32	0,02	0,33	0,33
<i>Produtos Básicos</i>	0,05	0,01	0,28	-0,01	-0,01	0,01	0,01	0,00	0,09
<i>Produtos Semimanufaturados</i>	-0,02	-0,04	-0,07	0,03	0,04	0,01	0,02	0,01	-0,02
<i>Produtos Manufaturados</i>	0,15	0,01	0,24	-0,06	0,48	0,30	-0,01	0,32	0,26

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos do Sistema de Importações e Exportações dos Agronegócios (Sistema IEA).

Tabela 2 - Índices de Contribuição do Saldo Comercial, Agronegócios do Estado de São Paulo, Demais UFs e do Brasil, 1996-98 a 2001-03

Setor, grupo de mercadorias e fator agregado	(conclusão)								
	São Paulo			Demais UFs			Brasil		
	1996-98	1999-00	2001-03	1996-98	1999-00	2001-03	1996-98	1999-00	2001-03
BENS DE CAPITAL/ INSUMOS (2)	-2,05	-3,30	-4,46	-2,52	-4,07	-5,81	-2,44	-3,84	-5,35
Fertilizantes e Corretivos	-0,53	-0,83	-1,21	-1,41	-2,44	-4,19	-1,03	-1,78	-3,05
<i>Produtos Básicos</i>	0,00	0,00	-0,01	0,00	-0,01	-0,03	0,00	-0,01	-0,02
<i>Produtos Semimanufaturados</i>	-0,35	-0,54	-0,68	-0,65	-1,14	-1,70	-0,52	-0,90	-1,31
<i>Produtos Manufaturados</i>	-0,18	-0,29	-0,52	-0,76	-1,29	-2,46	-0,50	-0,88	-1,72
Químicos p/ Defesa da Agropecuária									
<i>Produtos Manufaturados</i>	-0,79	-1,36	-2,13	0,02	-0,23	-0,55	-0,34	-0,68	-1,17
Maquinaria e Peças									
<i>Produtos Manufaturados</i>	-0,78	-1,15	-1,12	-1,11	-1,33	-0,97	-1,07	-1,33	-1,04
Agentes Utiliz. Ind. Têxtil/Papel/Couro									
<i>Produtos Manufaturados</i>	0,06	0,03	-0,01	-0,02	-0,07	-0,11	0,00	-0,04	-0,09

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos do Sistema de Importações e Importações e Exportações dos Agronegócios (Sistema IEA).

Oleaginosas (US\$470 milhões) (VICENTE et al. 2004). No agregado, esses produtos representaram 83,4% do valor exportado e 89,3% do superávit do agronegócio do Estado. Com exceção do grupo de Cereais/Leguminosas/Oleaginosas, os demais tiveram valores de ICSC_{PIB} sempre positivos e crescentes, e taxas de cobertura maiores do que 1 e também em ascensão, indicativos de aumento de competitividade.

No caso das demais UFs, os principais grupos de mercadorias exportadas pelo agronegócio em 2003 foram: Cereais/Leguminosas/Oleaginosas (US\$8,29 bilhões); Produtos Florestais (US\$4,60 bilhões); Bovinos (US\$2,53 bilhões); Suínos e Aves (US\$2,43 bilhões); e Café e Estimulantes (1,63 bilhão). Em conjunto, esses produtos somaram 81,4% do valor das exportações e 82,3% do superávit do setor²¹. Além das taxas de cobertura superiores a 1, os valores dos ICSC_{PIB} foram sempre positivos, e com exceção de Café e Estimulantes, com tendência crescente.

4 - CONCLUSÕES

Os agronegócios brasileiro, do Estado de São

²¹As exportações dos agronegócios das demais UFs, em 2003, atingiram US\$23,33 bilhões, com superávit de US\$20,76 bilhões, sem considerar bens de capital e insumos comercializados com os demais setores. Incluindo-se esses bens de capital e insumos, as exportações somaram US\$24,76 bilhões e o superávit cai para US\$19,42 bilhões (VICENTE et al., 2004).

Paulo e das demais UFs revelaram vantagens comparativas com índices crescentes, no período 1996 a 2003. O Estado de São Paulo era mais competitivo nos produtos manufaturados, e as demais UFs nos produtos básicos. As maiores taxas de cobertura corresponderam aos produtos semimanufaturados, tanto em nível de São Paulo, quanto em nível nacional; e, para as demais UFs, aos produtos básicos.

Para a quase totalidade dos grupos de mercadorias do agronegócio os índices foram positivos e com tendência crescente, indicando aumento de competitividade. Índices crescentemente negativos foram observados para Bens de Capital e Insumos comercializados com os demais setores.

As exportações do agronegócio do Estado de São Paulo apresentaram desvantagens comparativas em relação às do agronegócio brasileiro; entretanto, as exportações paulistas de mercadorias do agronegócio manufaturadas revelaram vantagens comparativas em todo o período.

As taxas de cobertura foram superiores a 1 em praticamente todos os casos, exceto para os produtos básicos, em nível de São Paulo em 1996 e 1998.

LITERATURA CITADA

CAETANO, J. M.; GALEGO, M. A. Relações comerciais entre a União Européia e os PECO: a emergência de uma nova divisão internacional do trabalho na Europa. **In:** ENCON-

TRO DE ECONOMISTAS DE LÍNGUA PORTUGUESA 5., 2003, Recife, PE. **Anais**.

CARVALHO, M. A. Comércio agropecuário brasileiro no MERCOSUL. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 29, n. 6, p. 7-22, jun. 1999.

_____; SILVA, C. R. L. da. **Economia Internacional**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

COUTINHO, L. G.; FERRAZ, J. C. **Estudo da Competitividade da indústria brasileira**: sistema de indicadores da competitividade. Campinas: UNICAMP/UFRJ/PDC/ FUNCEX, 1993.

DAVID, M. B. A.; NONNENBERG, M. J. B. **MERCOSUL**: integração regional e o comércio de produtos agrícolas. Brasília: IPEA, jul. 1997. (Textos para Discussão, n. 494).

GASQUES, J. G.; CONCEIÇÃO, J. C. P. R. **Crescimento e produtividade da agricultura brasileira**. Brasília: IPEA, jul. 1997. (Textos para Discussão, n. 502)

_____; _____. Transformações estruturais da agricultura e produtividade total de fatores. In: _____. **Transformações da agricultura e políticas públicas**. Brasília: IPEA, 2001. cap. 1.

HIDALGO, A. B.; MATA, D. F. P. G. Exportações do estado de Pernambuco: concentração, mudanças na estrutura e perspectivas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMISTAS 15., 2003, Brasília, DF. **Anais**.

INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA. **Balança comercial dos agronegócios, 1997 a 2002**. São Paulo: IEA/APTA, 2004. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/icomex.htm>>.

>. Acesso em: 25 fev. 2004.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR - MDIC. Secretaria de Comércio Exterior. **Balança comercial por estado**. Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.gov.br/indicadores/balancaEstados.html>>. Acesso em: 01 mar. 2004b.

_____. **Evolução do comércio exterior brasileiro, 1950 a 2004 (janeiro)**. Disponível em: <http://www.desenvolvimento.gov.br/indicadores/doc/EvolucaoCEbrasileiro.xls>. Acesso em: 25 fev. 2004a.

VASCONCELOS, C. R. F. Padrão de especialização do fluxo de comércio exterior do Rio Grande do Sul na década de 1990. In: ENCONTRO DE ECONOMISTAS DE LÍNGUA PORTUGUESA 5., 2003, Recife, PE. **Anais**.

VICENTE, J. R. Economic efficiency of agricultural production in Brazil. **Revista de Economia Rural**, v. 42, n. 2, p. 201-222, abr. 2004.

_____; ANEFALOS, L., C.; CASER, D. V. Produtividade agrícola no Brasil, 1970-95. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, t. 48, n. 2, p. 33-55, 2001.

_____ et al. **Balança comercial dos agronegócios, janeiro a dezembro de 2003**. São Paulo: IEA/APTA, 2004. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/icomex.htm>>. Acesso em: 25 fev. 2004.

_____ et al. **Sistema de importações e exportações dos agronegócios**: conceituação e síntese dos resultados, 1997-2001. São Paulo: APTA, mai. 2002. (Série - Ação APTA, 10). Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/sistema.htm>>.

Recebido em 08/11/2004. Liberado para publicação em 29/12/2004.